

IDENTIDADE PROFISSIONAL: PERSPECTIVA DE ALUNOS DOS CURSOS TÉCNICOS DO CEFET-PA¹

TEODORO, Elinilze Guedes² – CEFET-PA – elinilze@hotmail.com

GT: Trabalho e Educação/09

Agencia Financiadora: CNPq

Introdução

O presente artigo surge da pesquisa que subsidiou um estudo com alunos recém-saídos do ensino fundamental, com faixa etária distribuída entre 14 e 17 anos, sobre escolhas profissionais de adolescentes em carreiras técnicas no Centro Federal de Educação Tecnológica do Pará.

As escolhas profissionais representam uma fronteira na constituição da identidade profissional e na inserção desse jovem no mundo adulto e produtivo. Portanto, é uma temática própria da área de Trabalho e Educação, voltada aqui para alunos dos cursos técnicos e suas perspectivas frente ao mundo do trabalho como campo de materialização do futuro.

A opção por alunos de cursos técnicos se deu por eles representarem 60% das matrículas do CEFET, e por ter sido um nível de ensino que registrou crescimento de 14,5% no Brasil entre 2003 e 2004. Além disso, representam 80.578 (oitenta mil quinhentos e setenta e oito) matrículas só na rede federal, de acordo com o INEP³.

Utilizando metodologia de caráter qualitativo, as entrevistas a seis alunos constituem o *corpus* desta pesquisa. Os depoimentos foram tratados com os procedimentos de análise de conteúdo referenciados em Bardin (2002), Franco (2003) e Richardson (1999). O tratamento das informações e dos dados levantados permitiu identificar três categorias temáticas: os determinantes da escolha, a profissão e a escola. Temas que possibilitaram a reconstrução de seus processos de escolha e a visualização da constituição de suas identidades profissionais.

O texto inicia indicando a relação entre as escolhas profissionais e a constituição da identidade adulta, para em seguida discutirmos a identidade profissional e sua participação na vida do adolescente que busca tornar-se sujeito tomando como base, principalmente, os

¹ Baseado em resultados da pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação da UFPA, em nível de mestrado, concluído em outubro de 2005.

² Psicóloga no CEFET-PA, Mestre em Educação. Fone: (91) 32231259

³ Dados do Censo Escolar de 2004, divulgado pelo INEP, em sua página <http://www.inep.gov.br>

estudos de Becker (1985), Ciampa (1988), Jacques (1997) e Erikson (1972). A terceira parte do estudo apóia-se em trechos dos discursos dos alunos para recompor a constituição da identidade profissional na experiência desses alunos no CEFET-PA.

Finalmente, nas considerações finais indicamos que as escolhas profissionais de cursos técnicos deflagram o processo de estruturação de identidades profissionais desses alunos, e revelam a dimensão histórico-social das escolhas profissionais e da própria identidade profissional, uma vez que esse percurso é caracterizado por modificações e testagens que percorrem as suas trajetórias educacionais e experiências profissionais. Entendemos que o elemento trabalho, que se presentifica na educação profissional, é que coloca o jovem frente ao mundo de novas experiências, e a necessidade de adquirir características que o permita enfrentar os papéis da vida adulta, superando as dificuldades do crescimento, maturidade e perda dos papéis infantis.

ESCOLHAS PROFISSIONAIS E IDENTIDADE

A escolha profissional tem sido apontada como o marco do desenvolvimento da identidade profissional, e um dos aspectos que constituirão a identidade adulta e a inserção do jovem no mundo produtivo.

De acordo com Campos (2000), identidade profissional refere-se ao conjunto de características que torna uma pessoa semelhante àqueles que exercem uma atividade socialmente reconhecida. Normalmente, pressupõe uma habilitação por meio de diploma ou competência reconhecida, além de outros atributos; “o termo identidade profissional caracteriza um processo de desenvolvimento psicossocial em que se envolvem indivíduos e categorias profissionais” (CAMPOS, 2000, p.185). Nesse sentido, é evidente e expressiva a relação da identidade com o trabalho. Jacques (1997) nos ajuda a entender essa relação indicando que, consolidada pelo sistema capitalista, em que o trabalho tem papel fundamental na constituição do eu, é a importância do trabalho em nossa sociedade, que dá relevância e exaltação ao papel de trabalhador, colocando-o em destaque entre os muitos papéis do indivíduo. Somos sujeitos consoantes às configurações do ambiente capitalista que nos constitui, e com a cisão entre indivíduo e sociedade que lhe é inerente.

A identidade profissional surge como fruto de sucessivas identificações, durante a história de vida, com modelos adultos ou através dessa inserção real no mundo do trabalho. Acrescenta Jacques (1997) que as diferentes formas de trabalho agregam em torno de si um conjunto de características que as define, de maneira que aqueles que com elas se identificam passam a usufruir tal papel social, agregando um modo de ser peculiar, com semelhanças na forma de vestir, falar, além da carga afetiva de pertencimento ao grupo.

Assim, somos levados ao estudo da identidade de uma forma mais ampla, no sentido de compreender essa constituição de uma identidade específica, qual seja a profissional. Para tanto, Ciampa (1988), Codo, Sampaio e Hitomi (1994) e Jacques (1997) nos ajudarão.

Identidade é um tema relevante para diversas ciências que se envolvem com a questão central dos seres humanos, qual seja, responder quem ele é, ou como se hominiza, como se torna parecido consigo mesmo, ou como se diferencia do outro ou se iguala a ele (CODO, SAMPAIO e HITOMI, 1994). É um conceito que diz respeito à singularidade humana e também à particularidade de grupos, classes, culturas (JACQUES, 1997). É de estudo complexo e, de acordo com Codo, Sampaio e Hitomi (1994), a busca a tais respostas seguia, anteriormente, dois caminhos: a via do homem natural por meio das concepções religiosas, ou a via das relações sociais.

A Sociologia e a Psicologia Social trabalharam inicialmente com os conceitos de status e papel social, mas logo os abandonaram, porque implicava um estudo que cristalizaria momentos históricos e isto não dava conta de como a trama social se constitui. O estudo sobre o conceito de papel social foi então sendo substituído pelo de identidade social, ganhando status de categoria analítica central para a Psicologia Social através do trabalho de Ciampa (1987) apud Codo, Sampaio e Hitomi (1994).

Neste estudo, Ciampa verificou o caráter ideológico dos estudos anteriores e se propôs a desenvolver um outro caminho para entender como se constrói a identidade, atribuindo a ela um movimento até então não pressuposto e nos levando a entender que o que nos torna parecidos conosco é a trama social, que produz um jogo perene de espelhamentos, diferenciações e igualdades que nos definem em relação ao conjunto da sociedade (CIAMPA 1987, *apud* CODO, SAMPAIO e HITOMI, 1994).

Enquanto representante de si mesmo, uma pessoa se constitui frente aos outros com diferentes papéis que se comunicam e se refletem, não sendo possível estabelecer um fundo originário para cada um deles. O autor, finalmente propõe a concepção de identidade que se alimenta das atividades desse homem, afirmando que as identidades refletem estruturas sociais e ao mesmo tempo reagem sobre elas, mantendo-as ou mudando-as, sendo, portanto, fruto de um permanente processo de identificação; de onde vem o movimento.

Noutro estudo de Ciampa (1988), ele diz que podemos fazer um esforço para entender nossa identidade colocando-nos como personagens de uma narrativa, nesse caso, personagens que surgem de um discurso. Ele então interroga: é você personagem ou autor que cria o discurso com tais personagens? Ao que responde: somos personagens e autores ao mesmo tempo. Daí, pode-se perceber que uma identidade constrói a outra e vice-versa, e a identidade dos personagens constitui a do autor. Uma rede vai se formando e o tema ganha complexidade maior ainda quando pensamos que cada indivíduo se modifica ao longo do tempo, em mudanças de diversas naturezas, mais e menos previsíveis.

A identidade é “uma totalidade contraditória, múltipla e mutável, no entanto uma [...], sou uno na multiplicidade e na mudança” (CIAMPA, 1988, p.61), como os nomes, substantivos que atribuímos às identidades, pelos quais nos chamamos e que nos diferenciam mas também nos igualam, pois os sobrenomes familiares nos igualam a um grupo familiar específico. Igualdade e diferença se manifestam em nosso próprio nome. Identidade é, portanto, um conceito que envolve uma dicotomia entre igual e diferente, permanente e mutante, individual e coletivo (JACQUES, 1997 e CIAMPA, 1988).

De acordo com Ciampa (1988), o processo de se igualar e se diferenciar nasce e se fortalece na família, e depois segue por toda a vida, nos demais grupos sociais de que participamos. Esse conjunto de grupos de que nós tomamos parte constituirão nossa identidade.

Identidade também pode ser o próprio processo de identificação que se constitui do objeto da representação e da própria representação, ambos como fenômenos sociais, dependentes um do outro e que não podem ser separados. Eles se fundem porque nós nos constituímos sujeitos, individualidades, por meio de representações.

Finalmente, podemos nos deter no aspecto novo, trazido pelas proposições de Ciampa para o estudo da identidade: a dimensão de movimento, de processo, em

contraposição a um estudo de identidades estanques. Diz Ciampa (1988) que somos o que estamos sendo. Há uma idéia de movimento social que se funda na história, entendida por ele como o processo de contínua hominização do homem. A dimensão coletiva da identidade se concretiza por meio da inserção do homem num todo que é substância humana. Nesse sentido, eu contendo a humanidade e aparentemente o todo nega o indivíduo, mas o uno só existe como parte do todo.

Identidade, pois, para Ciampa (1988), não é o estudo do que se é, mas do ser que é; isto significa que esse estudo engloba o seu desenvolvimento concreto e o seu vir-a-ser como parte dele mesmo, como integrante deste ser. Para o homem ser o ser que é, ele não só será considerado em sua dimensão biológica como em sua dimensão histórica, pois essa, como foi dito, é o que possibilita a materialidade da hominização, progressiva e continuamente. O homem não pode prescindir de seu caráter biológico como também não o pode de seu caráter social e histórico. É assim que Ciampa (1988) afirma que “o homem não está limitado por um vir-a-ser pré-estabelecido, mas também não está liberado das condições históricas de maneira que o vir-a-ser fosse uma indeterminação absoluta” (CIAMPA, 1988, p.72).

Isso significa que não cabem concepções explicativas para a identidade do ser fatalista e de destino traçado, como também não se pode desconsiderar a dimensão histórica que o constitui, limita e cerceia, pois é temporal. Admitir isso implica compreender que é impossível dissociar o estudo da identidade do indivíduo, da identidade da sociedade. E que, portanto, é do meio concreto, das circunstâncias da vida deste sujeito que decorrem seus determinantes, e também de onde emergem as possibilidades, os modos e alternativas de identidade a este sujeito.

ADOLESCÊNCIA E IDENTIDADE PROFISSIONAL: CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO ADULTO

A puberdade pode ser considerada como uma primeira fase ou momento da adolescência, mas a tendência é entender puberdade e adolescência como dois fenômenos que podem ter o início coincidente ou não. A puberdade relaciona-se com as modificações biológicas e a adolescência com as transformações psicossociais que as acompanham.

As mudanças corporais, hormonais e os indícios externos e internos para a potencialização da sexualidade marcam a puberdade. A adolescência tem características peculiares conforme o ambiente sócio-cultural do indivíduo e, com base nas transformações biológicas, um complexo sistema psicossocial será reestruturado e redefinido como a imagem corporal, separação/individuação de vínculos dependentes dos pais, estabelecimento de uma nova ordem de valores e ética próprios, assunção de papéis sexuais, busca de definições ocupacionais que levem os jovens aos papéis de adulto.

O término da puberdade é associado à complementação do processo de crescimento físico e ao amadurecimento das funções reprodutivas, por volta de 18 anos. Já o fim da adolescência é mais difícil de definir, mas relaciona-se com estabelecimento da identidade sexual, possibilitando relações afetivas estáveis, independência econômica, aquisição de um sistema de valores pessoais e relação de reciprocidade com a geração precedente (SOARES, 2002). A adolescência, como se pode ver, gira em torno de identidade, e os estudos de Erikson (1972) mostram-se, então, relevantes aos nossos objetivos.

Erikson desenvolveu estudos para compreensão da adolescência, estabelecendo diálogos entre sua perspectiva psicanalítica, a antropologia e a sociologia. Ele entende que a interação permanente entre três grandes dimensões da pessoa – biológica, social, individual – constitui sua personalidade. Suas explicações referem-se a um todo orgânico e estende-se da infância até a velhice.

Uma categoria fundamental a essa teoria orgânica de Erikson (1972) e ao nosso estudo é a identidade. Para o autor, o indivíduo psicologicamente saudável é aquele que desenvolveu um “firme sentido de identidade”, que implica

num sentido consciente da singularidade individual, um esforço inconsciente para manter a continuidade da experiência (necessidade de sentir-se único), uma solidariedade para com os ideais de um grupo (necessidade de sentir-se parte de uma cultura). (ERIKSON, 1972, p.208)

Ao descrever o desenvolvimento do indivíduo para alcançar a personalidade, Erikson (1972) identifica oito estágios, que chama de oito idades do homem. Cada um desses estágios seria marcado por desafios que Erikson define como crises normativas ou conflitos nucleares, cuja resolução – uma necessidade imperativa para o indivíduo que

busca manter-se em equilíbrio – e a vivência perpassa as três dimensões da pessoa, deixando suas marcas tanto na pessoa quanto na sociedade em que ela está inserida. O desenvolvimento pessoal está ligado a transformações comunitárias, de acordo com esses pressupostos.

O sentido de crise apresentado por Erikson (1972) modificou os estudos sobre adolescência desenvolvidos até então na sociedade ocidental, que a tomava como um período de tormenta e tempestade. O autor define crise não mais com um caráter catastrófico ou fatídico, mas como momento decisivo mediante o que os indivíduos tomam direções, podendo mobilizar, nesse instante, recursos de crescimento.

O autor desloca o problema das dificuldades inerentes da adolescência do âmbito do indivíduo ou da natureza normativa para o âmbito do contexto sócio-cultural em que o indivíduo está inserido, vinculando a quantidade e a intensidade destas dificuldades à qualidade das condições objetivas e subjetivas que a sociedade oferece a esse indivíduo.

A adolescência, portanto, é menos “tempestuosa” naquele segmento da juventude talentosa e bem treinada na exploração das tendências tecnológicas em expansão e apta, por conseguinte, a identificar-se com novos papéis de competência e invenção e a aceitar uma perspectiva ideológica mais implícita. [...] Por outro lado, se um jovem pressentir que o meio tenta privá-lo radicalmente de todas as formas de expressão que lhe permitiram desenvolver e integrar o passo seguinte, ele poderá resistir com o vigor selvático que se encontra nos animais que são forçados, subitamente, a defender a própria vida. (ERIKSON, 1972, p. 130)

Ao elaborar o conceito de crise normativa, o autor ofereceu uma forma alternativa de interpretar o fato de que a maioria dos indivíduos é capaz de viver a adolescência sem grandes percalços e conturbações emocionais, e de que, diante das transformações tecnológicas advindas com a sociedade industrial, a adolescência tornou-se um modo de vida entre infância e idade adulta.

Os jovens, nesta fase da vida, se deparam com uma revolução fisiológica de sua maturação genital e com uma incerteza dos papéis e aptidões que cultivavam com os novos que se anunciam, uma vez que se importam muito com o juízo dos outros sobre si ou com o que parecem aos outros, com o que eles de fato julgam sobre si. Nisto embute-se um implícito conflito entre continuidade e uniformidade. Alguns adolescentes vão precisar de uma moratória, tempo para integrarem elementos de identidade constituídos nas fases

anteriores a uma unidade muito mais abrangente, com elementos vastíssimos, que é a própria sociedade.

De acordo com Erikson (1972), das fases anteriores de seu desenvolvimento o adolescente traz consigo a necessidade de confiança em si e nos outros. É assim que ele busca nesta fase identificações com quem sinta confiança, ao mesmo tempo em que tem atitudes ou comprometimentos pelo excesso de confiança, e dessa forma manifestam sua necessidade de desconfiança.

Da segunda fase do desenvolvimento o adolescente traz a necessidade de ser definido pelo que se pode querer livremente, daí ele buscar decidir sobre os rumos disponíveis e acessíveis de dever e serviço; num paradoxo a isso, sente um medo tremendo de ser exposto a uma atividade forçada, o que lhe deixa exposto à dúvida de si mesmo.

Do período da idade escolar eles trazem o desejo de fazer algo funcionar e da melhor maneira possível, por isso escolher uma profissão assume uma dimensão maior que a questão da remuneração ou status; além disso, desenvolvem o sentido de desempenharem suas atividades com excelência, estabelecida de acordo com seus julgamentos e parâmetros.

Diante da história de conquistas que o adolescente vem fazendo por toda a infância, e de como está solucionando cada uma dessas fases, ele chega à adolescência, de acordo com Erikson (1972), onde o conflito nuclear é identificado como identidade x confusão de papéis. É na resolução deste conflito que o indivíduo estabelece sua identidade, pois,

[...] a formação de identidade requer um processo de reflexão e observação simultâneas, um processo que ocorre em todos os níveis de funcionamento mental e pelo qual o indivíduo se julga à luz daquilo que percebe ser a forma como os outros o julgam, em comparação com eles próprios e com uma tipologia que é significativa para eles. (ERIKSON, 1972, p.21)

É relevante para este estudo entender o conceito de identidade ocupacional como uma noção mutável, resultante de interações com o mundo, com pessoas, valores, atividades, com o desenvolvimento histórico-social desde o nascimento e que se relaciona com o esquema corporal.

Bohoslavsky (1998) utiliza o conceito de identidade ocupacional apresentado por Erikson e diz que identidade pode ser definida como uma autopercepção, ao longo do tempo, em termos de papéis ocupacionais e ocupação, como um conjunto de expectativas

do papel. As ocupações são, portanto, as expectativas que todos os demais indivíduos têm em relação ao papel de um indivíduo. A ocupação de uma dada profissão é definida num contexto de interação social, inclusive com caráter histórico-temporal, e papel é um termo definido como seqüência estabelecida de ações aprendidas, executadas por uma pessoa em situações de interação.

Pensa-se no futuro, personificando-o através de uma carreira, de uma faculdade ou trabalho específicos por onde repassam relações passadas, presentes e futuras. Ao escolher desempenhos adultos, o adolescente pensa, não na profissão de uma forma geral, mas numa pessoa específica com o desempenho que lhe atribui naquela profissão, em termos de seu sucessor, poderes, virtudes que então deseja para si; logo, definir o futuro passa a ser a tarefa de definir quem ser e principalmente quem não ser (BOHOSLAVSKY, 1998).

A CONSTITUIÇÃO DAS IDENTIDADES PROFISSIONAIS DOS ALUNOS DO CEFET-PA

A análise das entrevistas realizadas com alunos técnicos do CEFET-PA fez emergir três categorias temáticas: determinantes da escolha, a profissão e a escola. A partir do tema profissão pode-se discutir sobre como se constituem os significados em torno da aquisição de uma profissão, do papel da carreira técnica neste processo e do próprio trabalho.

Buscando quais reflexões sobre profissão esses alunos tinham antes da escolha do curso técnico, observamos que eles se dividiam entre duas situações:

a) aqueles que pensavam em uma formação profissional, fazendo a elaboração dos desejos infantis até o momento de concretizá-lo numa formação superior, conforme mostra o depoimento abaixo:

Aluna 6

“... aí antes de pensar em entrar aqui no CEFET a profissão que eu pensei foi Assistente Social. Dar assistência social, minha mãe dizia que ia ao hospital e sempre gostava de conversar com a assistente social [...] e essa é uma área assim que quando eu for pra universidade ou eu vou procurar uma área que tenha a ver com meu curso técnico ou eu vou fazer assistência social...”

b) e aqueles que ainda não estavam diante desse momento de elaboração de papéis profissionais para si.

Aluno 5

“Eu pensava assim: que curso eu vou ser, que profissão eu vou ter, toda criança pensa né? [...] essa profissão só veio mais assim quando eu entrei aqui no CEFET, que eu fui mais, que eu estou mais decidido”.

Em nenhuma das duas situações, no entanto, o curso técnico aparece como uma possibilidade pensada ou desejada previamente. Nessas construções profissionais, o curso técnico surge como um “imprevisto” que força inclusive uma certa reformulação das direções profissionais inicialmente previstas ou mesmo novas escolhas, como nos mostram os depoimentos a seguir:

Aluna 1

“...eu entrei no CEFET e acabou mudando toda aquela trajetória que eu tinha cronometrado pra minha vida, principalmente profissional”

Aluna 4

“Pensava na universidade, não pensava em formação técnica, em me formar na universidade...”.

Dentre os depoimentos apenas uma aluna tinha convicção quanto a uma profissão antes de entrar na escola, e direcionou a escolha do curso técnico de maneira a enriquecer e encaminhar sua formação.

A escolha do curso

Chegada a hora, uma decisão é tomada e uma vez que fazem uma opção de entrar no CEFET, num curso técnico, os alunos necessitam de novas referências para certificarem-se quanto ao êxito de suas escolhas. A identificação com a profissão serve de baliza a essas escolhas e os alunos a buscam de diferentes maneiras durante a vivência do curso, segundo se observa em seus discursos.

Aluna 1

“... eu acabei conciliando duas coisas, o meu prazer, o meu gosto por estar perto da terra mexendo, por estar, às vezes num lugar incerto e a parte financeira”.

Aluno 2

“Agora comecei a tomar gosto, comecei a aprender a gostar, a estudar, entender o que é que faz, estudar, até por causa do trabalho também. Mas gosto por gosto... a tendência minha desde que me entendi, era fazer um curso na área de medicina, mas o técnico de telecomunicações eu estou achando muito legal”.

Há uma evidente necessidade exposta nesses relatos de conciliar expectativas anteriores com as atuais por meio de identificação com a nova profissão, principalmente quando não se tinha nenhuma aproximação com a área escolhida. Encontrar elementos que favoreçam tal identificação passa a ser uma meta que o aluno persegue.

A construção da identificação profissional também se revelou nos discursos dos alunos como fruto de outras identificações durante sua história de vida com modelos adultos e evidenciam o que preconiza Bohoslavsky (1998) quando diz que o adolescente escolhe desempenhos adultos para si pensando não na profissão em si, mas numa pessoa específica com um desempenho que ele lhe atribui, em termos de características que aprecia e deseja ter.

Aluna 4

“... tanto é que esse gosto por química eu descobri naturalmente na oitava série, na escola, e os meus professores eram bons professores e me fizeram ver essa área de química e assim eu me identifiquei mais...”.

Aluna 6

“Eu ficava olhando pra minha professora e gostava muito, devido a eu gostar muito da minha professora eu pensava em fazer pedagogia...”.

Uma vez que a identidade como “legado” não é mais um modelo aceito hoje, cada vez mais o adolescente tem que assumir as decisões sobre quem ser ou com quem parecer. Assim, uma certa diversidade de opções quanto ao poder ser se anuncia, representando uma forma importante de liberdade, ao mesmo tempo em que torna o processo de constituição da identidade muito mais complexo, uma vez que o adolescente encontra-se numa permanente reconstrução interna e precisa de referenciais, modelos através dos quais ele possa posicionar-se.

A escolha da carreira técnica

O motivo pelo qual a identificação com o curso é perseguida pelos alunos revela-se em seus depoimentos, e refere-se ao fato de a escolha de um curso técnico representar para eles uma escolha profissional e, portanto, um meio de inserir-se nos processos produtivos e realizar um projeto social.

A visão de trabalho mais difundida em nossa sociedade capitalista assume apenas a representação da sobrevivência para a maioria do povo brasileiro e muito pouco de

possibilidade de realização e crescimento pessoal. Como nossos alunos originam-se em sua maioria de classe pobre e média, suas perspectivas passam por essa representação. A expectativa que fazem da profissão mostra-se vinculada ao significado que o trabalho assume para aquele indivíduo, como veremos a seguir.

Aluna 1

“...eu não escolhi o CEFET, na verdade eu escolhi minha independência, e o primeiro meio que chegou pra mim e disse olha eu posso te ajudar a chegar lá, foi o CEFET”

Aluna 6

“Escolher um curso técnico pra mim significa sim escolher uma profissão [...] eu terminando meu curso eu posso já trabalhar...”.

Optar por uma carreira técnica guarda significados para o aluno que se relacionam com o próprio significado que ela assume para seu grupo primário, no caso, a família. Associada à profissionalização, as famílias visualizam melhoria da vida de uma forma ampla quando imaginam que os filhos possam ocupar lugares que eles mesmos não conquistaram na vida social, na vida financeira e no próprio acesso ao conhecimento. Essa expectativa familiar também se constitui a partir das relações com a sociedade em que vivemos, pois seus ideários e representações aqui se constituíram.

É válido lembrar que os pais destes alunos foram adolescentes e jovens nos anos 70, quando o ensino técnico gozava de grande prestígio no país, e ter acesso a esta formação significava ascensão social.

Aluno 2

“A família acha que eu estou bem guiado, que eu tô no caminho certo, eles me colocaram aqui por saber que aqui eu teria um futuro, diferente se eu continuasse sem ter um curso técnico. Que a oferta de emprego seria mais direta, sempre visaram o emprego, pra mim, o futuro do pai sempre é visar o filho empregado bem, com sua família estruturada. O restante da família também sabe que é importante, duas tias minhas fizeram e não passaram no mesmo curso que eu. Eu sou o primeiro a estudar aqui. [...] É um orgulho meu...”.

O adolescente também é capaz de diferenciar que há uma base de necessidades que move os indivíduos às profissões. Essas necessidades diferenciam-se em cada pessoa e mostram que uns procuram o trabalho, não a profissão. Esse parece ser o reino da necessidade como sentido de sobrevivência. Como é inerente ao capitalismo, há uma pequena parcela da população que pode visualizar no seu trabalho uma oportunidade de realização pessoal.

O pai da aluna 4 deseja para a filha que busque a profissão, isto é, que busque o trabalho como forma de realização além de sustento da vida material, conforme revela seu relato:

Aluna 4

“[...] meu pai, por exemplo, ele entrou aqui porque ele queria arranjar um emprego [...] a necessidade dele era essa, a minha estou começando, entendeu? Ele já tinha assim ter que já entrar na universidade, passou na UEPA depois de dois anos, quando ele passou ele largou, não se formou técnico, ele passou em administração, ele não pensou em profissão, ele queria ter o nível superior e isso falou mais alto quando ele entrou ele largou (o técnico), e é isso que ele não quer que aconteça comigo, poxa se você quiser isso então siga [...] Então é assim eu acho que depende da necessidade de cada um”.

Com essa herança familiar, a carreira técnica assume significados para o jovem aluno que parecem colaborar com a identificação que o aluno busca ter com a profissão escolhida. Os significados da carreira técnica relacionam-se com:

a) acesso a emprego mais rápido – as necessidades concretas da vida material são motivos apontados pelos alunos quando identificam os elementos de influência sobre suas escolhas. Esse significado está presente no discurso da maioria dos alunos, pois, uma vez que entendem a formação técnica, esse é um aspecto que logo é sinalizado como vantagem da profissionalização de nível médio.

Aluna 1

“... eu vi uma facilidade maior pra eu ingressar no mercado. Eu pensei assim se eu tiver o técnico e o superior eu tenho uma grande vantagem sobre aquele que só tem o superior. [...] e principalmente porque eu resolvi coincidir, ensino médio e técnico, se estou fazendo ensino médio e o ensino técnico eu vou logo descobrir no técnico se vai valer a pena o que eu vou escolher na Federal”.

b) reconhecimento social – aspecto que não aparece no discurso de todos eles, mas, na concepção do aluno 3, claramente vemos que este é um reconhecimento que se liga à possibilidade de emprego. Portanto, esse discurso nos aproxima do que afirma Ciampa (1988) quando diz que o que identifica o homem é aquilo que ele faz no mundo, e é assim que se torna ser. O aluno anseia pelo fazer produtivo porque essas relações do mundo do trabalho é que regem as demais relações sociais concretas. A valorização pessoal se dá em nossa sociedade em razão do status profissional adquirido, e o jovem também é influenciado por essas idéias, pois busca na profissão uma maneira de sentir-se mais valorizado.

Aluno 3

“Então se tiver um curso técnico daqui a dois anos eu vou ter uma porta de emprego, de melhorar minha situação financeira, ter o prestígio, o respeito, ser admirado como pessoa”.

c) profissionalização – esse aspecto torna-se relevante e participa da constituição dos significados desse aluno acerca da carreira técnica porque ela possibilita que as pessoas passem a participar diretamente do mundo do trabalho, deixando de ser apenas consumidores para ser também produtores. Além disso, Smirnov (1960) *apud* MARTINS, (2004) nos dá mais um elemento para essa questão quando nos diz que nossas atividades relacionam-se com capacidades, pois toda atividade pressupõe capacidades que também condicionam e pressupõem a atividade.

Aluna 6

“Significa ter uma profissão um pouco mais cedo [...] eu tenho certeza que terminando aqui além do ensino médio eu já vou ter uma profissão técnica e acho que um curso técnico não é somente um curso técnico, as pessoas que se dedicam a aprender mesmo sai daqui tendo uma profissão, mais que um curso técnico, uma profissão...”.

d) oportunidade de aprimorar a escolha e a continuidade de estudos – esses significados confirmam a visão dos entrevistados acerca do processo de escolha como não definitiva, bem como permitem considerar que a carreira técnica compõe uma possibilidade formativa não entendida como nível em que devam se encerrar os percursos formativos. Evidentemente essa visão também se associa às transformações ocorridas no mundo no trabalho e à desestruturação das profissões que temos presenciado.

Aluna 4

“... é a oportunidade profissional, estágio, e saber como me comportar, como lidar... aplicar o que foi ensinado, pra mim é importante para dar prosseguimento nos estudos que eu quero na universidade e também pra eu já ter uma experiência dentro daquela área que eu escolhi”.

Na medida em que esses significados se constroem e se consolidam, a perspectiva de exercício da carreira técnica, como fase intermediária para prosseguimento da formação e como meio de custear a continuação dos estudos se reafirma, tornando-se, então, bem mais claro o caminho que percorrem, daquele instante em que se defrontam com a carreira técnica como nunca antes cogitada até este em que já se vêem exercendo a profissão escolhida.

Aluno 3

“Eu acho que sim, se eu estou aqui, eu quero ser, se eu estou batalhando, me esforçando pra estar aqui agora todos os dias, porque futuramente eu quero ser um técnico”.

Aluno 5

“... prefiro mesmo continuar os estudos mas é bom enquanto continua os estudos ter logo um emprego, e independência financeira”.

A vivência de um curso técnico também influencia o padrão da vida de um adolescente, diferente do aluno que apenas cursa a educação básica, e isto se refere principalmente a adentrar num mundo amplo, de novas experiências, e adquirir características novas, em que o jovem se coloca frente aos papéis da vida adulta, cercado de uma dificuldade peculiar ao crescimento, à maturidade e à perda dos papéis infantis. Essa vivência traz mudanças vistas como ganhos e perdas: ganhos relacionados ao investimento para o futuro e continuação dos estudos, e perdas relacionadas à própria concepção prazerosa que tem da adolescência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dos resultados podemos observar que o processo de construção de identidades profissionais dá-se ao longo da vida do adolescente, mas parecem ser deflagradas quando do acesso à instituição, elas continuam se efetivando durante a vivência no CEFET, como nos mostra a busca por identificação à medida que realizam o curso.

Os seus depoimentos nos permitem entender que a primeira necessidade que os move em direção ao CEFET é o anseio por um ensino melhor, por uma escola de melhor qualidade. A maioria deles procede de escola pública, mas mesmo os alunos oriundos de escola particular manifestaram a mesma motivação.

A profissão é, pois, secundária a essa necessidade, segundo seus próprios discursos. Entendemos, então, que os alunos buscam uma educação que os prepare para o mundo adulto, para os desafios de profissionalizar-se e de assumirem papéis relativos ao trabalho.

As construções acerca da profissão não são muito elaboradas para a maioria dos alunos e, quando existem, estão relacionadas ao nível superior. O plano de formação profissional segue esse percurso. Ora, as carreiras técnicas compõem-se como opções de exercício profissional intermediário qualificado e como elemento importante para a cadeia de trabalhadores do setor produtivo; no entanto, ela não se configura como uma

possibilidade formativa que possa integrar o planejamento de formação que o aluno estabelece para si mesmo.

Não acontece o mesmo com seus pais. Esses, sim, incorporam o ideário de ascensão social e a melhoria de vida por meio dos estudos; em seus planos, prevêm essa formação como um caminho que está ao seu alcance. Dessa forma, levam seus filhos a visualizarem a formação técnica, aproximando-se do que para eles é quase um “imprevisto”.

As representações do aluno e de suas famílias sobre o trabalho permeiam essas construções e constituem-se como mediadoras da relação que o aluno procura ter com sua futura profissão. Representação nem sempre muito clara, pois se devem somar a isso as próprias mudanças que o trabalho vem sofrendo, especialmente nos últimos 20 anos, em que uma gradativa corrosão das bases tradicionais da maioria das profissões se instalou, com significativos reflexos sobre o mercado de trabalho decorrentes da introdução de novidades tecnológicas na produção.

Os adolescentes adaptam suas preferências à oferta da instituição e, sem muito conhecimento sobre o universo daqueles cursos, fazem suas opções. Depois de acessarem ao CEFET, verificamos que os alunos desejam se identificar com a profissão e assumi-la como tal, o que indica a dimensão histórico-social das escolhas profissionais e da própria constituição da identidade profissional, relação com a profissão que parece ser mais *vivencial* que *vocacional*.

Como caminho para tal identificação, os alunos procuram estabelecer novos parâmetros, para certificarem-se de uma boa escolha, ou mesmo de uma escolha certa. Eles definem interesse, gosto pelo que fazem, oportunidade e emprego, entre outros elementos como balizadores. Ao mesmo tempo, é possível perceber que, nessa fase da vida essa escolha é entendida por eles mesmos como não definitiva. Nesse sentido, é uma oportunidade que possibilita *testagens* em relação à área pretendida e também chance de re-orientar as possibilidades profissionais no nível superior.

Na década de 90, até a reforma da educação profissional de 1997, era comum verificar o acesso à instituição, nos cursos técnicos, de alunos movidos pela qualidade do ensino médio⁴ e pela possibilidade de acesso ao ensino superior. Nesses casos, para muitos

⁴ Até a reforma da Educação Profissional não eram ofertadas turmas apenas de ensino médio na instituição, como passou ser desde 1999 até hoje.

deles, fazer um curso técnico não significava fazer uma escolha profissional e ter uma profissão. Hoje vemos um movimento diverso, e mesmo os discursos indicam que o ensino médio já não é visto como de excelente qualidade, sendo o motivo de permanecerem na instituição deslocados para a formação técnica.

Finalmente, seus discursos nos mostram os ganhos que visualizam ao acessarem o CEFET: em mentalidade, crescimento intelectual, capacidade de analisar pretensões atuais e futuras e responsabilidade para consigo mesmo e para com os outros. Portanto, representa um marco na vida do adolescente, agrega-lhe novas características quando o coloca frente a um mundo novo, ainda não vivido, o do trabalho, e isso muda tudo. O trabalho tem um papel mediador entre o mundo subjetivo e o mundo objetivo; pelo trabalho, o homem se apropria do mundo objetivo, transformando a si mesmo ao mesmo tempo em que transforma o real.

É a dimensão do trabalho que mostra sua centralidade, a organicidade e a regência que estabelece sobre as demais relações sociais. Tal dimensão é, a partir de agora, mais percebida pelos sujeitos desse estudo, pois além de se encontrarem em fase de transição para o momento de assumir os papéis adultos, estão colocados frente à educação profissional e a todos esses dilemas que ensejam a participação do homem na vida produtiva: a transformação do mundo natural e social e a constituição de si mesmo como sujeito nesse percurso de trocas dinâmicas e contínuas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa : Edições 70 LDA, 2002.

BECKER, D. *O Que é Adolescência?* São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOHOSLAVSKY, Rodolfo. *Orientação vocacional: a estratégia da clínica*. 11 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CAMPOS, R. Identidade profissional. In: FIDALGO, F.; MACHADO, L. *Dicionário da Educação Profissional*. Belo Horizonte : Núcleo de Estudos sobre Trabalho, 2000.

CIAMPA, A. C. Identidade. In: LANE, S.; CODO, W. (org.). *Psicologia Social: o homem em movimento*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CODO, W; SAMPAIO, J. J. C.; HITOMI, A. H. *Indivíduo, trabalho e sofrimento: uma abordagem interdisciplinar*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

ERIKSON, E. *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

FRANCO, M. L. P.B. *Análise de conteúdo*. Brasília: Plano, 2003.

JACQUES, M. G. Identidade e trabalho. In: CATTANI, A. D. *Trabalho e Tecnologia: Dicionário Crítico*. Petrópolis; Porto Alegre : Vozes; Ed. Universitária. 1997.

MARTINS, L.M. A Natureza histórico-social da personalidade. *Cadernos CEDES*. Campinas, v. 62, n. 62, 2004.

RICHARDSON, R. J. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 1999.

SOARES, D. H. P. *A escolha profissional: do jovem ao adulto*. São Paulo: Summus, 2002.